

MATTOSO CÂMARA E A LÍNGUA LITERÁRIA

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
LLP

Representa um consenso no mundo acadêmico brasileiro ser a obra de Mattoso Câmara sobre a língua portuguesa, na perspectiva sincrônica, um marco, um patamar, na história do estudo e do ensino da nossa língua, pela nítida mudança de paradigma por ele adotada, um referencial teórico novo, então, entre nós, o estruturalismo, que contrastava de todo com o discurso metalinguístico então dominante no Brasil, identificado como discurso filológico, centrado sobretudo na história da língua e na documentação da língua literária clássica. Já disse, em várias outras oportunidades, que a obra sincrônica de Mattoso Câmara sobre o português foi o campo de sua profícua produção acadêmica em que o pioneirismo e a influência dele mais se fizeram sentir em nosso meio. Na verdade, o seu maior legado em relação ao desenvolvimento da Linguística no Brasil, a base fundamental para a progressão de uma linguística brasileira, crucial na formação dos primeiros profissionais de Linguística em nosso país.

Mattoso Câmara não se afastou, no entanto, dos principais centros de interesse e de pesquisa da tradição filológica sobre a língua portuguesa, presentes nas obras de seus mais prestigiados coevos. Um desses centros de interesse e de pesquisa, já se disse, era o da língua literária clássica, reconhecida como a língua padrão.

Se é verdade que, como linguista, Mattoso Câmara se interessa muito pela realidade oral viva, corrente, da língua, como no seu pioneiro ensaio sociolinguístico “Erros de escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro”, de 1957, também é certo que a tradição literária nunca deixou de ser objeto de seus estudos. Vários deles contêm diversas citações dos clássicos, mesmo as suas obras didáticas, como *Gramática* (1944 e 1945), em dois volumes, que integram o *Curso de língua pátria*, escrito em colaboração com Rocha Lima, autor dos dois volumes da *Antologia*. Mas, no que concerne à língua clássica, mostra-se sobretudo um leitor constante e sagaz de Machado de Assis, cuja obra lhe mereceu onze sugestivos ensaios, reunidos, em 1962, no volume *Ensaio machadianos: língua e estilo*.

Com efeito, desde o início de sua extensa produção intelectual, remontando ao ano de 1938, quando trata de “um caso de regência” em textos machadianos — o emprego da preposição *a*, ao invés de *em*, junto a nomes de rua indicativos de morada —, o nosso linguista manifestou o seu especial interesse pelos recursos expressivos, sutis e múltiplos, da obra daquele que ele tinha como “nosso maior romancista”. Em tais ensaios, Mattoso trata, no entanto, de temas pouco usuais em relação aos estudos filológicos sobre nosso grande romancista e contista, alguns, por exemplo, detendo-se na linguagem comum transfigurada em arte literária, como em “Cão e cachorro no Quincas Borba”, “O coloquialismo de Machado de Assis” e “A gíria em Machado de Assis”. Neste último, defende a posição de que a gíria é a linguagem poética correspondente à língua popular. Diz Mattoso:

Os recursos com que [a gíria] dá sentido afetivo às formas lingüísticas são, em última análise, os mesmos que se encontram na linguagem poética mais apurada. A diferença está no material de que se serve, e não nos processos por que o submete a esse fim: a metonímia, a metáfora, a catacrese, a ironia e todas as demais figuras de linguagem, que a retórica define e metodiza, aparecem na gíria, exteriorizando estados psíquicos e visando a impressionar e sugestionar o próximo. (1962: 136)

Numa breve ilustração, Mattoso Câmara nos mostra que Machado, de acordo com o seu processo normal de expressão estética, nos diz muito mais do que apresenta, quando declara pela boca de Quincas Borba: “Ao vencido, ódio e compreensão; ao vencedor, as batatas!” Explica Mattoso:

Temos assim a gíria como uma espécie de forma interna do preceito filosófico do Quincas Borba. Externamente há o endeusamento do vencedor; e, internamente, está a irrisão da sua vitória. Ele vai às batatas num duplo sentido — material e simbólico. E é o sentido simbólico, justamente estruturado na base da gíria, que transfere o apólogo para um niilismo desencantado e definitivo. (1962: 143)

Machado joga assim, conclui Mattoso, “num refugio geral vencidos e vencedores, dissolvidos na inanidade das lutas humanas” (*id.*: 142).

Eis-nos, certamente, com estas reflexões, ante um Mattoso Câmara bem pouco conhecido...

O linguista brasileiro revela também uma leitura assídua dos poetas parnasianos que, segundo ele, procuravam “fazer a aproximação, na base da tradição clássica entre as línguas literárias de aquém e além-mar” (1955: 105),

e ainda dos poetas simbolistas, uns e outros citados com frequência em duas de suas principais obras: *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (1977, 2.^a ed.), no capítulo dedicado à pesquisa da “Rima na poesia brasileira” — aplicação literária da fonêmica —, e *Contribuição à estilística portuguesa* (1952).

Em 1967, Mattoso Câmara escreve um sugestivo ensaio: “Um caso de colocação”, sobre o conhecido soneto “A Cavalgada”, do parnasiano Raimundo Correia.

O nosso linguista chega a ser autor, o que é para ser destacado neste texto, de um capítulo de livro, chamado especificamente “A língua literária”, que integra a primeira edição, de 1955, da obra coletiva *A literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho, em que tece considerações sobre o processo da formação da língua literária no Brasil. Por se tratar de ensaio pouco conhecido (retirado da obra coletiva citada, em sua 2.^a edição), vou deixar que o próprio Mattoso Câmara com frequência nos fale, valendo-me do que julgo os trechos mais expressivos do texto do linguista brasileiro, que nos darão sua visão, ainda que em traços muito gerais, do movimento progressivo do discurso literário em nosso país. Poder-se-á constatar que Mattoso se atém basicamente ao século XIX e inícios do século XX, pois do Modernismo, exceção feita a um Bandeira e a um Mário de Andrade, este a defender toda uma política linguística, ele não se mostra um leitor assíduo. Talvez, pelo fato mesmo de Mattoso ficar praticamente restrito ao século XIX, este seu ensaio não tenha sido reimpresso na 2.^a edição da obra coletiva referida.

No início de *A língua literária*, Mattoso tece considerações gerais sobre a implantação do português no Brasil e sua existência nos séculos iniciais. É a partir do Romantismo que historia as atitudes dos escritores em relação à língua literária. Assim, mostra as diferentes direções adotadas por Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e José de Alencar. Fala do afrancesamento da nossa língua literária com o romance realista-naturalista, no vocabulário e na sintaxe. A seguir, observa que

Há, porém, paralelamente, uma reação que inicia um retôrno à tradição clássica em maior ou menor grau. É um movimento discreto na poesia parnasiana e em Machado de Assis. Este aconselha aos nossos escritores a leitura dos clássicos e um ecletismo linguístico entre antigos e modernos para enriquecer o pecúlio comum. (1955: 104)

Em continuação, Mattoso declara que com Rui Barbosa, todavia, o movimento se intensifica e se torna marcha-a-ré, decidida, para as fontes clássicas:

Podemos dizer que com Rui Barbosa se constituirá entre nós a escola tradicionalista e classicista em matéria de língua literária: rejeita-se a influência francesa e o substrato coloquial brasileiro, e faz-se dos exemplos dos clássicos a jurisprudência da norma linguística. (*id*: 105)

Ressalta, contudo, Mattoso:

É uma jurisprudência um tanto fluida e especiosa, como testemunham as divergências entre Rui e Carneiro Ribeiro, entre Cândido Figueiredo e Heráclito Graça. Isso decorre de certa incoerência lingüística dos próprios clássicos, que não tiveram o rigorismo lógico nem o purismo gramatical a êles assim atribuídos. (*id*: 105)

Para finalizar, Mattoso Câmara justifica o discurso ruiano:

Acresce que a atitude rígida só foi possível em Rui Barbosa por causa da natureza especial de sua atividade literária, que não é a interpretação da vida ambiente, como no romance, nem a exteriorização anímica, como na poesia, mas uma formulação abstrata dos princípios jurídicos e políticos através da dissertação e da oratória. (*id*: 105)

Para o linguista brasileiro, “A reação contra as ‘incorreções’ da linguagem romântica se pauta muito mais por Machado de Assis” (105). E acrescenta:

No pólo oposto está a posição de Mário de Andrade (consubstanciada em *Macunaíma*, por exemplo), esforçando-se por criar uma língua literária em novas diretrizes, mediante a exploração em profundidade da língua popular e sua racionalização e generalização sistemática. (*id*: 106)

No texto mattosiano, sobre o qual se está discorrendo, há, em sua continuidade, uma apreciação sucinta de alguns fatos linguísticos que, para ele, têm sido “pontos nevrálgicos na consolidação da nossa língua literária” (*id*: 106). Assim, fala da nossa ortoépia poética (a do século XIX), do vocabulário (os brasileirismos, os neologismos e os estrangeirismos) e, enfim, da disciplina gramatical, em face da indisciplina do uso quotidiano com base em certos problemas, que aparecem também em Portugal, mencionando os estrangeirismos sintáticos, o abandono da impessoalidade de *haver* fora do indicativo presente (sobretudo, no imperfeito, em frases do tipo *havam homens*), a incompreensão do *se* como partícula de apassivamento (donde construções como *aluga-se casas*, com *casas* sentido como objeto direto), a delimitação do emprego entre o infinitivo flexionado e o invariável (como o conhecido exemplo “possas tu... seres presa”,

de Gonçalves Dias). Trata mais detidamente do problema da colocação dos pronomes pessoais átonos antes ou depois do verbo: a colocação praticamente livre dos românticos do uso brasileiro, em oposição a Machado de Assis e aos parnasianos, que preferiram dobrar-se à disciplina gramatical do português europeu. Rui Barbosa, pondera Mattoso Câmara, extremou nesta atitude. Em conclusão deste rápido exame dos fatos da língua, o linguista brasileiro enfatiza que “a atitude dominante dos escritores brasileiros (sempre considerando fundamentalmente os do século XIX como base de suas observações) é repelir como “êro” o que é sentido claramente como vulgarismo gramatical” (*id*: 109). Assim, ilustrando, diz que “a forma verbal indicativa para o imperativo, tão arraigada embora, mesmo na fala das classes brasileiras cultas, é banida em teoria, se bem que entre os românticos se tenha insinuado às vêzes na prática” (*id*: 109).

Por fim, Mattoso conclui este seu texto com um cotejo entre as línguas literárias de Portugal e do Brasil, ressaltando fatores de convergência e outros de divergência. Entre estes últimos está a diferenciação quanto à língua cotidiana falada. Dando, uma vez mais, a palavra a Mattoso:

É inegável que a forma literária tem de apoiar-se neste substrato para não perder contato com a vida e o ambiente social. Nestas circunstâncias, é digno de atenção a tendência moderna para a democratização da literatura, na língua como no seu conteúdo, pois a base popular — em tantos aspectos distinta — do português do Brasil trará cada vez mais, com essa tendência, um fator apreciável de divergência entre os escritores de cá e os de lá, quanto à expressão formal. (*id*: 110)

No entanto, ressalta que não se pode esquecer que temos dois povos de língua fundamentalmente una, “já que continuam coincidentes as linhas mestras do sistema fonético, do sistema gramatical e do acervo vocabular”. Por isso, acrescenta:

Não é provável, por outro lado, que se dê a cisão de estrutura linguística em futuro próximo, ou mesmo remoto. A situação se prolongará, talvez indefinidamente, para garantir às duas línguas literárias o caráter de variantes de uma unidade lata (*id*: 110-111)

O interesse de Mattoso Câmara pelo estudo da língua literária clássica não se esgota, contudo, com Machado de Assis, com os poetas parnasianos e simbolistas, ou a este texto sobre a língua literária no Brasil, centrado em autores do século XIX e inícios do século XX. Outros centros de interesse dos filólogos em relação à língua literária também não deixaram de merecer sua atenção.

A publicação de edições críticas de textos literários, entre nós, foi acompanhada atentamente por Mattoso, como se pode atestar através dos comentários que figuram em dois elucidativos relatórios sobre os estudos da linguagem no Brasil: “Brazilian linguistics” (1968), que, traduzido para o português, integra o volume organizado por Naro (1976), intitulado *Tendências atuais de linguística e da filologia no Brasil*, e “Os estudos de Português no Brasil” (1969). Assinala, nestas publicações, que, por volta dos anos 40, a situação no tocante à importância da fidedignidade dos textos mostra-se francamente promissora, desde a interpretação crítica de textos medievais e de velhos códices (com destaque para a atividade de Serafim da Silva Neto e de Celso Cunha) até textos da literatura brasileira, cujas edições no passado muito deixaram a desejar, tendo se sobressaído neste mister Sousa da Silveira, cuja edição crítica das obras de Casimiro de Abreu vale, para Mattoso, como um modelo. Chega ele a focalizar certos problemas de edição “cujas soluções em geral recebidas nem sempre são satisfatórias”, como “a questão da virgulação e da grafia, uma e outra propiciadoras, muitas vezes, de discrepâncias com as intenções do autor”.

Por fim, o estudo da versificação na poesia brasileira, merecedor de importantes contribuições de um Sousa da Silveira, por exemplo, foi também foco da atenção de Mattoso Câmara. Ele deixou de escrever as poesias de sua juventude, ou de traduzir outras, mas continuou a perseguir a musicalidade e os metros dos versos. Apresenta, neste campo, duas importantes pesquisas. A primeira foi “A rima na poesia brasileira” (1949), uma versão revista e bem ampliada do artigo publicado em 1946, no conceituado periódico *Word*, do Círculo Linguístico de Nova Iorque, sob o título “Imperfect Rhymes in Brazilian Poetry”, como “amostra das pesquisas que se pode fazer nas diretrizes dos princípios fonêmicos”; a segunda, “O verso romântico” (1955), texto que integrou também a 1ª edição da obra *A Literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho, em que fundamenta ter “O verso, na poesia romântica brasileira, [participado] dos três traços característicos do Romantismo na sua mensagem de renovação estética: abeberamento das fontes populares, culto à espontaneidade da expressão e desprezo às regras resultantes da codificação coletiva, explícitas ou implícitas. (1955: 602)

Pode-se, então, documentar facilmente que Mattoso Câmara não rompe com a tradição filológica no seu estudo da língua literária que, já antes da década de 1940, reunia um grupo de estudiosos (Said Ali, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira...) que, embora sem formação universitária — os primeiros Cursos de Letras nasceram nos anos 30 — souberam, por si próprios, encontrar

o caminho da Ciência, então denominada Filologia, vindo a produzir obras de inestimável valor, reconhecido pelo linguista brasileiro, em passagens várias de seus numerosos escritos. Mattoso Câmara convive, pois, com esta tradição, mantido sempre o seu perfil de estudioso da linguagem, vindo a trazer, assim, a sua contribuição em relação à pesquisa da língua literária, que, ao lado do estudo diacrônico, imperava no mundo filológico, ao mesmo tempo que vai inaugurar, em nosso meio, novos rumos em relação ao estudo da linguagem. Coexistem, pois, na importante produção acadêmica de Mattoso, a tradição e o pioneirismo no estudo da língua portuguesa no Brasil.

O tempo passa e, cada vez mais, valorizo este grande intelectual brasileiro que foi Mattoso Câmara, pelo legado de sua modelar docência (fui seu aluno) e pelo que tanto ficamos, os seduzidos pelo maravilhoso mundo da linguagem, a dever a ele, pelo conjunto de sua obra, que veio para ficar como marco na história dos brasileiros que passaram parte de suas vidas debruçados no estudo da Última flor do Lácio”.

Referências bibliográficas

- CÂMARA JÚNIOR. “Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro”. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Nova edição revista e ampliada. Organizado por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 87-95.
- CÂMARA JÚNIOR. *Gramática, em Curso de língua pátria*. 1.^a e 2.^a séries ginásiais. Rio de Janeiro: F. Brigniet, 1944.
- CÂMARA JÚNIOR. *Gramática, em Curso de língua pátria*. 3.^a e 4.^a séries ginásiais. Rio de Janeiro: F. Brigniet, 1945.
- CÂMARA JÚNIOR. *Ensaio machadianos (Língua e estilo)*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- CÂMARA JÚNIOR. “A rima na poesia brasileira”. In: *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977, p. 85-115.
- CÂMARA JÚNIOR. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- CÂMARA JÚNIOR. “Um caso de colocação”. In: *Estudos filológicos (Homenagem a Serafim da Silva Neto)*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1967, p. 101-106.
- CÂMARA JÚNIOR. “A língua literária”. In: *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editorial Sul-América S/A, 1(1), 1955, p. 101-111.

- CÂMARA JÚNIOR. “Brazilian linguistics”. In: *Current trends in Linguistics*. The Hague: Mouton, 4, 1968, p. 229-247.
- CÂMARA JÚNIOR. *Tendências atuais da Linguística e da Filologia no Brasil*. (org. de Anthony J. Naro). Rio de Janeiro: 1976, p. 47-66.
- CÂMARA JÚNIOR. Os estudos de português no Brasil. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Nova edição revista e ampliada. Organizado por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 231-258.
- CÂMARA JÚNIOR. “O verso romântico”. In: *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editorial Sul-América S/A, 1(2), 1955, p. 602-612.